

Contra o fim da história: a atualidade da crítica da economia política*

Fighting the End of History: The Relevance of the Critique of Political Economy

Pedro Henrique Feliciano Dias Sampaio e Débora Machado Nunes**

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha, e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado.”
Karl Marx e Friedrich Engels em *O Manifesto Comunista*

* Texto de apresentação da edição especial “A forma-dinheiro e as novas formas de exploração: Uma homenagem ao prof. Claus Magno Germer”, escrito pelos editores responsáveis pela organização do dossiê | DOI: 10.5380/re.v44i84.92386

** Respectivamente: (1) Professor Auxiliar II na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil e doutorando em economia do desenvolvimento na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGE/UFRGS), Brasil | ORCID: 0000-0002-3650-4839 | E-mail: sampaiopedro@outlook.com.br | (2) Doutoranda em economia e instrutora de graduação na Universidade Estadual do Colorado, EUA | ORCID: 0000-0003-0478-6410 | E-mail: debora.nunes@colostate.edu



Em perspectiva histórica, o marxismo representa a mais bem-sucedida forma de apreensão teórica e prática, por parte da classe trabalhadora, da crítica fundamental ao modo de produção capitalista. Ao denunciar a exploração do trabalho humano como elemento central da acumulação de capital, a teoria marxista recoloca o proletariado na condição de sujeito coletivo, capaz de tensionar as estruturas sociais de seu tempo. Ao longo do século XX, a influência do marxismo nas lutas de libertação nacional o credenciou como principal força contra hegemônica frente ao neocolonialismo, a concentração de poder nas mãos das elites, e a expropriação dos frutos do trabalho humano.

Nas últimas três décadas, um extenso rol de autores e autoras tem advogado a atualidade da crítica da economia política para a compreensão do atual estágio do capitalismo. Este conjunto heterogêneo de contribuições contrasta com um período histórico onde este modo de produção se consolida como fronteira limite do imaginário político coletivo. Na ausência de uma alternativa antagônica pós-soviética, e diante de um menor poder de mobilização das classes populares, inaugura-se uma nova fase de dominância do capital sobre o trabalho (Fraser, 2019; Fisher, 2020). Este, por sua vez, dispõe de mecanismos limitados para conter o aprofundamento do padrão de acumulação neoliberal, sendo alçado à condição de agente ativo de recepção e difusão ideológica através de plataformas digitais (Han, 2018).

As escassas perspectivas de progresso social, entretanto, não foram incorporadas às expectativas dos destacados economistas que pautaram o debate internacional das últimas décadas. Na ciência econômica, o “fim da história” se traduziu na construção de uma posição consensual entre teóricos do *mainstream*, priorizando a estabilização dos ciclos econômicos frente a metas pouco ambiciosas de crescimento e distribuição. Neste âmbito, a crescente incorporação de métodos analíticos sofisticados, conhecida como “revolução de credibilidade”, é menos determinante dessa nova fase do que o amplo financiamento a agendas de pesquisa dedicadas à construção (ou justificativa) de uma nova ordem liberal (Krugman, 2009).

Até meados dos anos 2000, o conto de fadas do neoliberalismo global encontrava ampla aderência na retórica econômica. Em notável discurso na *American Economic Association*, Lucas (2003) afirmou que o então vigente consenso macroeconômico havia sido bem-sucedido, pois “seu principal

problema, a prevenção de Grandes Depressões, havia sido solucionado há décadas”. Ao sul do Equador, o modelo chileno, legado da ditadura pinochetista, foi enaltecido durante décadas por economistas da América Latina e do exterior enquanto farol do desenvolvimento e da democracia na região. Notavelmente equivocadas, estas posições teóricas possuem, em comum, uma visão incompleta sobre as dinâmicas e confins do capitalismo e sua nova fase.

Com o forte impacto das crises financeira (2007-2008) e sanitária (COVID-19) sobre a economia global, o debate econômico *mainstream* tem atribuído maior destaque a agendas de pesquisa que, em maior ou menor medida, estão relacionadas a contradições intrínsecas ao modo de produção capitalista. Dessa forma, temas como o avanço da desigualdade de renda, a urgência da transição energética, e a expansão irrestrita dos mercados financeiros já não se encontram restritos à margem do debate acadêmico. Entretanto, a tímida virada progressista do *mainstream* não é acompanhada pelo cenário político que caracteriza este atual estágio do capitalismo. A crise das democracias representativas e o surgimento de lideranças de extrema-direita reforçam uma lição já ensinada ao longo do século XX: há uma necessidade sistêmica do capital em recorrer ao autoritarismo para garantir a continuidade do processo de acumulação.

No caso brasileiro, a retórica da extrema-direita foi o instrumento que assegurou viabilidade eleitoral a uma política econômica essencialmente impopular, porém alinhada às recomendações do dito “consenso”. Objetivando a solvência das contas públicas e a retomada da confiança dos investidores, a agenda de ajuste fiscal impôs fortes restrições ao Estado na execução de políticas sociais, além de promover seu reposicionamento enquanto agente subsidiário aos interesses privados. Estes pontos de controvérsia foram convenientemente obscurecidos pela figura carismática de um ex-militar que, com a boa vontade de segmentos da imprensa e do empresariado nacional, desviou o debate público para outras questões.

Nesse contexto, a população brasileira foi vítima de um projeto de desarme crítico onde se destaca a dimensão educacional. Da conservadora reforma do ensino médio ao sucateamento das universidades públicas, a educação brasileira tem sido centro de acirradas disputas ideológicas e econômicas. O saldo final é a precarização do ensino e da atividade docente, o aumento da evasão escolar, a

ascensão do discurso anti-ciência, o revisionismo histórico e o boom das *fake-news*.

Sob a atual conjuntura, a reversão do projeto de desmonte da educação brasileira passa necessariamente pelo resgate do pensamento crítico nas escolas e universidades. Urge uma melhor compreensão do atual estágio do capitalismo brasileiro, bem como dos limites impostos à esquerda institucional por um sistema político circunscrito aos interesses das elites econômicas.

Se a terceira vitória eleitoral de Lula representa, em teoria, um deslocamento do conflito distributivo em favor da classe trabalhadora, na prática as possibilidades reais do governo são fortemente restritas pela ordem liberal e seus agentes. A nova coalizão liderada pelo Partido dos Trabalhadores abarca, desde a sua gênese, alguns dos setores mais conservadores da política brasileira, cada vez mais radicalizada e contaminada pelo Bolsonarismo. Neste contexto, pensar a política de esquerda estritamente sob os parâmetros e limites institucionais estabelecidos pelo status quo é decretar o fim da história no Brasil.

O projeto editorial hoje materializado neste número especial caminha no sentido contrário. Acreditamos que, ao centralizar as relações sociais de produção, o marxismo subsidia a apreensão do real sentido das transformações político-institucionais dos tempos recentes, incluindo o caso brasileiro. O resultado final compreende um conjunto de oito artigos originais e dois textos especiais selecionados a partir de dois critérios: a apreensão de elementos e questões centrais à teoria marxista, e o diálogo com o capitalismo contemporâneo e seus dissabores.

Esta edição faz parte de uma iniciativa do Grupo de Pesquisa em Economia Política (GPEP-UFRGS), em parceria com a Revista de Economia (UFPR), que presta homenagem a autores e autoras que fomentam o debate acadêmico no campo da economia apresentando perspectivas marxistas sobre temas atuais. Nesta edição, celebramos a vida e obra de Claus Magno Germer, professor aposentado da Universidade Federal do Paraná.

No decorrer da sua trajetória acadêmica, o professor Claus Germer prestou diversas contribuições ao debate da economia política no Brasil, frequentemente assumindo posições contra-hegemônicas sem abdicar do rigor metodológico imprescindível à aplicação do materialismo histórico-dialético. Sua agenda de pesquisa possui um caráter multidisciplinar, compreendendo temáticas que vão

desde a questão agrária no Brasil até o estado da arte do capitalismo financeiro. As investigações também incluem tópicos de história econômica, como a “retro-transição” ao capitalismo nas antigas repúblicas soviéticas, e análises sobre o método na economia política. Nesta edição especial, o texto inédito do homenageado aborda as teorias das relações de produção em Marx, destacando o teor didático e rigoroso da sua obra.

As contribuições do professor Claus para o debate da questão agrária no Brasil são destacadas neste volume no trabalho de Raimundo Nonato Santos da Silva e Daniel Nogueira Silva, intitulado “Os limites e possibilidades do cooperativismo em assentamentos da reforma agrária na região de Carajás (PA)”. Resgatando as contribuições de Germer para uma compreensão crítica dos conceitos de campesinato e agricultura familiar no contexto brasileiro, os autores analisam a dinâmica organizacional e produtiva do cooperativismo na região citada por meio da análise de dados qualitativos primários.

A discussão sobre trabalho produtivo e improdutivo em Marx também são lembradas nesta publicação. Francisco Paulo Cippola e Dayani Cris de Aquino se utilizam da tipificação discutida pelo professor para analisar a distribuição de renda no Brasil no artigo “Estrutura de classe e distribuição de renda no Brasil”. A partir dos dados da Tabela de Recursos e Usos (TRU) do Sistema de Contas Nacionais do IBGE, os autores identificam que a taxa de mais valia é o fator determinante para flutuações na parcela salarial apropriada pelos trabalhadores produtivos. Em “Uma investigação do conteúdo improdutivo das mercadorias no Brasil: 2000-2018”, Henrique Morrone, Alessandro Donadio Miebach e Adalmir Antonio Marquetti também resgatam a discussão sobre o conteúdo improdutivo da produção em uma qualificada abordagem marxista, identificando um incremento do conteúdo improdutivo das mercadorias dos setores e no agregado do Brasil entre 2000 e 2018, o que constitui um custo e, portanto, gera bases de crescimento frágeis para a economia brasileira.

Os esforços de formalização das categorias marxistas para a compreensão da realidade brasileira marcam a obra do professor Claus Germer. Sua contribuição para o debate sobre a taxa média lucro dá suporte para a discussão apresentada por Leonel Toshio Clemente, Thiago Cesar Ribeiro e Lucas Rodrigues em “A divisão do lucro médio e a taxa de lucro do empresário sobre capital próprio: análise e proposta de estimação para o Brasil”, que sugere a utilização da ROE (*return on*

equity) como uma medida de rentabilidade do capitalista individual e, portanto, um dos principais indicadores de rentabilidade para a decisão de investimento – e não uma taxa de lucro média. Formalização distinta é utilizada por Bruno Theodosio em “Accumulation, profit rate, and financialization in Brazil, 2000-2016”, que investiga a distribuição de renda entre capital e salários no contexto de diferentes governos (Lula I, Lula II, Dilma I, Dilma II e Temer), mapeando a relação ora predatória, ora sinérgica entre o lado financeiro e o lado real da economia. Em “Lucro médio e taxa de juro: uma revisitação teórica”, José Raimundo Trindade também explora as diferentes formulações marxistas para uma formalização da relação entre lucro e juro, destacando a contribuição de Germer para a consideração da diferença de rentabilidade dos capitais individuais resultante da utilização de capital emprestado. Em conjunto, os artigos exaltam a atualidade das contribuições do professor Claus para a discussão da taxa média de lucro, e sua capacidade de assistir diversas discussões teóricas e aplicadas no campo marxista.

De forma mais destacada, Claus Germer se notabilizou por seus escritos sobre dinheiro, crédito e capital fictício. Este tópico permanece “sob disputa” no campo do marxismo, coexistindo interpretações heterogêneas no que tange a teoria do dinheiro de Marx e suas contribuições para o debate contemporâneo da economia monetária. Como denominador comum, estudos nesta tradição costumam se debruçar sobre a natureza da mercadoria-dinheiro e seu papel na dinâmica evolutiva do capitalismo, a fim de compreender suas formas e manifestações presentes.

Essas discussões são apresentadas de forma rigorosa e didática por Giliad de Souza Silva, em “Considerações sobre a forma dinheiro na teoria monetária marxista”, e Henrique de Abre Grazziotin, Ronaldo Herrlein Jr. e Marcelo Milan, em “As ideias fundamentais de Marx sobre finanças e o sistema de crédito em O Capital”. Giliad apresenta uma revisão bibliográfica das mais relevantes discussões a respeito do dinheiro e o papel do ouro na teoria marxista, destacando as contribuições de Claus e descrevendo o estado da arte desse campo de pesquisa. Já Henrique e coautores ressaltam as contribuições de Claus para a compreensão do sistema de crédito, do sistema bancário e das finanças na obra de Marx, enfatizando a necessidade de compreensão dessas categorias para um entendimento integral do funcionamento do capitalismo.

As contribuições de Claus para a teoria marxista do dinheiro também são lembradas por Fred Moseley em “A determinação da ‘expressão monetária do tempo de trabalho’ (EMTT) no caso do dinheiro não-mercadoria”. O texto, originalmente publicado em inglês (e traduzido pelo professor Leonardo Segura Moraes para esta edição especial), destaca comunicações pessoais com Claus que contribuíram sobremaneira para o desenvolvimento da formalização proposta. Em comunicação pessoal com os editores, o professor Moseley expressou seu entusiasmo em participar do que qualificou como importante homenagem, e generosamente confiou ao GPEP a tarefa de tradução do seu trabalho.

Neste âmbito, denota-se a atualidade da crítica da economia política, à despeito das inovações financeiras implementadas e condicionadas pelas necessidades do modo de produção capitalista. O desaparecimento do ouro enquanto meio de pagamento, a presente dominância do dinheiro de crédito, e o crescente papel dos países da periferia como exportadores de fundos emprestáveis (inclusive para países do centro) são elementos compatíveis com a teoria Marxiana, que pode fornecer robusto instrumental analítico para a apreensão destes fenômenos. A fim de avançar nessas e outras discussões, destacamos o caráter didático da coleção de artigos aqui apresentada, que contribui sobremaneira para uma educação progressista e transgressora a nível de graduação e pós-graduação (Hooks, 2014).

Prestando homenagem ao professor Claus Germer e destacando a atualidade da sua contribuição, propomos que o avanço da teoria marxista na economia é necessariamente um avanço na compreensão do modo de produção capitalista e suas contradições. A qualificada coleção de artigos aqui apresentada não só evidencia a longa e brilhante trajetória do professor Claus, mas também avança a diversa agenda de pesquisa por ele explorada, contribuindo para o desenvolvimento futuro do campo marxista na economia em termos de pesquisa, ensino e extensão. Que o legado de Claus Germer se desdobre em novos esforços de compreensão teórica da realidade concreta como os aqui apresentados, servindo para a fundamentação da práxis transformada que nos permite embarcar no trem da história – que segue, sim, em movimento.

Referências

FISHER, M. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?* São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

FRASER, N. *The old is dying and the new cannot be born: From progressive neoliberalism to Trump and beyond.* New York: Verso Books, 2019.

GERMER, C. M. Dinheiro e dinheiro de crédito no capitalismo avançado. *Ensaio FEE*, v. 22, n. 1, p. 205-228, 2001.

HAN, B.-C. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas técnicas de poder.* Belo Horizonte: Editora Âyiné, 2018.

HOOKS, B. *Teaching to transgress.* New York: Routledge, 2014.

KRUGMAN, P. *The Conscience of a Liberal.* New York: WW Norton & Company, 2009.

LAPAVITSAS, C. *Marxist Monetary Theory: Collected Papers.* Leiden: Brill, 2017.

LUCAS JR, R. E. Macroeconomic priorities. *American Economic Review*, v. 93, n. 1, p. 1-14, 2003.